



***a unidade  
dos cristãos***

**N**ESTE 2.º DIA DO OITAVÁRIO DE ORAÇÃO PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS, seja-me permitido recordar a palavra de Paulo aos Efésios: «Um só Senhor, uma só Fé, um só Baptismo» (4,5). Porque ela refere a condição essencial, mas também o horizonte de todas as Igrejas Cristãs.

Por paradoxal que pareça, condição e horizonte. Condição porque todos confessamos como Senhor unicamente a Jesus Cristo e estamos marcados pelo Baptismo, o sinal da Água e do Espírito; no entanto, partidos e divididos em fracturas reais, também perspectiva a não perder, Graça a que é preciso ser fiel.

Eu explico melhor:

Mais que uma condição, a Unidade é para a Igreja uma Vocação, um dom do Espírito capaz de se receber unicamente no fim de um processo de fidelidade e conversão: «esforçai-vos por conservar a Unidade que vem do Espírito» (Ef 4,3), recomendava Paulo.

Porque, sem a Unidade, a Igreja está partida, fracturada, dividida nos seus membros. Mas, assim como o organismo reconstrói a união relativamente ao braço fracturado, consolidando-o e restituindo-lhe capacidades, assim a Igreja dividida tende à Unidade cujo refazer é certamente longo e doloroso (É talvez necessário pôr «gesso»).

É uma vocação, é uma tarefa para a Igreja, a Unidade, tarefa e vocação de toda a Igreja, não só nem principalmente das hierarquias.

Em toda e qualquer Igreja cristã, construir a Unidade é ser fiel à vocação baptismal, tanto quanto o perdê-la foi a consequência de processos históricos, e sempre mútuos, de pecado e infidelidade; construir a Unidade é ser fiel à vocação baptismal: «Levai vida digna da vocação a que fostes chamados»; «vivendo em paz com os outros, conservai a Unidade» (Ef 4,1 e 3).

É necessário, Irmãos (evangélicos ou protestantes, romanos ou metodistas, todos) que cada um seja fiel a esta vocação a que pelo Baptismo somos chamados e que implica necessariamente ser Senhores da Natureza cujo domínio e submissão nos foi confiado (Gn 1,28), e Construtores deste Mundo (Humano e Social) de que somos Sal e Fermento (Mt 5,13 e 13,33), Sinal de uma Nova Humanidade a quem é exigido, como antecipação do Reino e norma de Vida, o Mandamento Novo e original do Amor Fraternal (Jo 15,12).

Quando esta espantosa vocação de Salvação do Mundo e do Tempo for real e plena, em qualquer Igreja Cristã, seja ela qual for, em que Tempo ou em que Espaço, então a Igreja Será Una, a Unidade uma realidade, então verdadeiramente haverá «um só Senhor, uma só Fé e um só Baptismo», então seremos «Um como o Pai e o Filho são um», então serão ridículas as separações e ricas as diferenças legítimas, porque grande se entenderá a

Tarefa, urgente a Missão, imenso o Mundo a salvar, sedento e faminto o Homem a quem anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo.

E os acordos institucionais, hierárquicos e teológicos, surgirão depois (não é verdade que os «desacordos institucionais surgiram também só depois de a Unidade estar efectivamente fracturada no Povo de Deus?) surgirão depois os acordos institucionais - dizia - como fruto maduro de uma Unidade real, respeitadora dos dons próprios de cada Igreja, já que nenhum período histórico nem nenhuma realização concreta pode conter toda a riqueza do projecto eclesial de Jesus Cristo.

Perdidos num país «provinciano» de maioria católica esmagadora (e «não praticante»), quase nenhum contacto com outras Igrejas cristãs, sobretudo no Norte, nos enriquece para o Diálogo, procura fraterna da Comunhão, condição da Paz.

Se entre nós próprios a capacidade de Diálogo é tão inexistente, a nível de comunidades, a nível de Hierarquia/Leigos, Administração Diocesana/Agentes e Unidades de Pastoral, Bispo/Presbitério..., tudo isso gerador de «igrejas-campanário», qual o mais altaneiro, o mais defendido, o mais rico, o mais vistoso, orgulhosos todos da sua sombra (tanto maior quanto mais baixa a fonte de luz!), como cresceremos para o Diálogo com nossos Irmãos na Fé em Jesus Cristo, baptizados como nós na Água e no Espírito Santo, embora não em união plena por força de incompreensões e pecados históricos?

E, no entanto, a preocupação ecuménica, concretizada sobretudo a partir dos anos 20 deste século, nascida nomeadamente nos seios protestante e anglicano, marcará certamente a vida das Igrejas do final deste 2.º milénio, ela que esteve tão presente a todo o Concílio Vaticano II.

Entre nós, este «vento» do Espírito não tem praticamente chegado a levantar-se. E não fora a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos que todos os anos se celebra entre 18 e 25 de Janeiro, e o Ecumenismo seria ainda mais claramente letra morta entre nós: uma semana de alguma coisa e depois 51 de coisa nenhuma. É de resto o sinal de que «irmãos separados» são não só os que assim designamos, como também nós próprios que de todos vivemos efectivamente separados.

No Banquete dos Cristãos falta o Vinho da Unidade: cada qual bebe o seu, «fino» talvez, mas não em comum, o que em todos deixa este travor avinagrado de Divisão e Separação.

Ou nós merecemos este Vinho novo, o Melhor, guardado até agora, ainda não saboreado, reservado para o Fim da Festa, isto é, ou somos a Igreja do Futuro chamada às grandes tarefas da reconstrução da Unidade perdida, ou havemos de ser julgados pela História que de Vinho tão fino apenas soubemos fabricar vinagre!

*dies natalis*

18 janeiro 2023



P.e **Arlindo**